

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Chris Marker – A Memória das Imagens
7 e 11 de Dezembro de 2024

TOKYO DAYS / 1988

Realização, Imagem, Montagem: Chris Marker / Com: Arielle Dombasle / Cópia: em ficheiro, cor, falada em francês, legendada electronicamente em português / Duração: 20 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca: Ciclo “O Cinema e a Cidade III”, 6 e 10 de Novembro de 2017.

A. K. / 1984

Realização, Argumento, Montagem: Chris Marker / Fotografia: Frans-Yves Marescot / Música: Toru Takemitsu / Misturas: Claude Villand / Som: Jun'ichi Shima / Efeitos Especiais: Patrick Duroux.

Produção: Greenwich Film production (França), Herald Nippon Inc. (Japão) / Produtor: Serge Silberman / Director de Produção: Takashi Ohashi / Produtor Associado: Masato Hara / Com: Akira Kurosawa, Chris Marker, Tatsuya Nakadai, etc. / Produção: (França, 1973) / Director de Produção: Didier Baudet / Montagem: Chris Marker / Cópia: Blu-ray (suporte original em 35mm), cor, falada em francês, legendada em inglês e electronicamente em português / Duração: 71 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

filmes de Chris Marker

Duração total da projecção: 91 minutos

Tokyo Days foi mostrado pela primeira vez na Cinemateca num programa dedicado ao “Cinema e a Cidade”, e concretamente numa sessão organizada em torno de obras de vários cineastas-viajantes. Nela exibimos dois filmes de Chris Marker – **Tokyo Days** e **Dimanche à Pekin** (1956) -, dois de Joris Ivens, **Regen** (1929) e **À Valparaíso** (1963) (que mostrámos já neste ciclo, o comentário deste último é da autoria de Chris Marker), e **Paris à L'Aube** (1960), de Johan Van der Keuken. Não obstante as múltiplas viagens aos quatro cantos do mundo, a cidade de eleição de Marker foi Tóquio, metrópole oriental à qual dedicou várias obras, entre as quais este **Tokyo Days**, um pequeno vídeo em que cria um compósito registo da mesma e que, não tendo a consistência de uma longa-metragem como **Sans Soleil** (1983), revela a liberdade do seu cinema.

A actriz francesa Arielle Dombasle acompanha Marker em parte dessa breve deambulação pela cidade onde o cineasta chegou a viver, e em que coexistem múltiplas temporalidades, uma característica claramente japonesa: os manequins, os robôs, as geishas, raparigas modernas,... E se **Dimanche à Pekin** pode ser visto como um diário de viagem conduzido explicitamente pela própria voz subjectiva do autor, **Tokyo Days** afirma-se mais como um caderno de notas dispersas, uma acumulação de imagens e de sensações em que somos convidados a perder-nos. O seu carácter impressionista revela-nos isso mesmo. À semelhança de outros vídeos que temos vindo a mostrar neste programa, como **Matta'85** ou **From Chris to Christo**, **Tokyo Days** também fez parte da instalação *Zapping Zone*, apresentada no Centre Pompidou em 1990, no âmbito da

exposição *Passages de L'image*, da responsabilidade de Raymond Bellour, que muito tem escrito sobre a obra de Marker. Quase sem diálogos, no filme destacam-se as palavras e Dombasle, que representa o seu próprio papel, ao mesmo tempo que mantém com Marker um diálogo, o que revela como é ténue a fronteira entre estes vídeos mais pessoais e um trabalho de registo amador, no seu duplo sentido.

Em **A.K.** Marker acompanha a rodagem de **Ran**, épico shakespeariano de Akira Kurosawa, que parte de *King Lear*, centrando-se mais na personalidade do cineasta japonês e em pequenos detalhes e pormenores associados às filmagens, do que na rodagem do filme propriamente dita. Trata-se de uma viagem através da beleza, da minúcia e do humanismo veiculado por Kurosawa, tendo como cenário a paisagem natural que rodeia o Monte Fuji, revelando-nos a aura emanada pelo cineasta, que aqui é tratado como um mestre (“sensei”). Não assistimos propriamente às batalhas ou a momentos dramáticos do filme, mas a compassos de espera de guerreiros, cavalos e equipa que se preparam para as filmagens, ou que se deslocam face à câmara de Marker, que os filma frequentemente de muito perto. Os grandes planos de Marker, que se aproximam muitas vezes da respiração dos actores, contrastam com os planos mais abertos filmados pelas três câmaras da equipa de **Ran**, com os seus inúmeros figurantes.

A.K. pode ainda ser visto como um reflexo do fascínio de Marker pelo cinema, mas também pela cultura japonesa, como percebemos também em **Tokyo Days**. A lua esculpida é aproximada ao trabalho de Georges Méliès, mas também é na sua magia que pensamos quando vemos os ramos pintados de dourado a brilhar no meio da noite (sequência de **Ran** que terá sido cortada posteriormente na montagem). Dividindo o filme em dez capítulos, que correspondem a diferentes motivos, Marker procura elucidar questões que permearam a rodagem e que servem de chave para a compreensão do universo de Kurosawa: as batalhas, a paciência, a fidelidade, a velocidade, cavalos, chuva, laca e ouro, fogo, nevoeiro e caos. Neste contexto, a meteorologia e as duras condições atmosféricas acabam por ganhar protagonismo: o nevoeiro (e a luta contra o nevoeiro, em que este capitula, antes da retirada do cinema); a chuva (que está na base do comentário de Marker, quando este cita um diálogo entre Ford e Kurosawa, em que o primeiro aponta para a importância da chuva nos filmes do segundo, e este replica que Ford “viu bem os seus filmes”), ou o frio extremo que se instala, que acaba por ditar a paragem das filmagens.

A voz *off* que nos guia em **A.K.** contrasta com a sua ausência em **Tokyo Days**. Através dela Marker explicita a aversão de Kurosawa à teoria e a sua postura assente na naturalidade, e como são sete os samurais que há muito acompanham os filmes de Kurosawa, que aqui nos são apresentados no trabalho, ao lado dos membros mais novos de uma equipa avessa à “especialização” que domina habitualmente o cinema. Marker revela-nos assim como a arte de Kurosawa assenta num trabalho colectivo cimentado por uma grande cumplicidade entre aqueles que lhe são próximos, ao mesmo tempo que aborda directamente as dificuldades e os desafios do seu próprio projecto: tentar conservar a autenticidade da sua visão sem “roubar” a visão de Kurosawa, ou revelar demasiado um filme futuro. A arte mistura-se assim aqui com a vida e com um diálogo entre dois modos de fazer cinema.

Joana Ascensão